

**Universidade Estadual de Campinas**

Faculdade de Educação

Coordenação de Pós-Graduação

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARILISE DELTREGGIA PANTAROTTO

**OS DIVERSOS OLHARES DE UMA PROFESSORA  
EM CONSTANTE FORMAÇÃO**

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARILISE DELTREGGIA PANTAROTTO

**OS DIVERSOS OLHARES DE UMA PROFESSORA  
EM CONSTANTE FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização para obtenção do grau de Especialista em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Eliana Ayoub.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P195e Pantarotto, Marilise Deltreggia  
Os diversos olhares de uma professora em constante formação / Marilise  
Deltreggia Pantarotto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Eliana Ayoub.  
Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Memorial. 2. Formação de professores. 3. Pedagogia. 4. Educação  
infantil. 5. Especialização. I. Ayoub, Eliana. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-461-BFE

Dedico este memorial à minha orientadora Profa. Dr. Eliana Ayoub e ao grupo de estudos pelo compromisso, dedicação e por ter permitido que aprendêssemos juntas olhares diferentes sobre a educação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida e pela oportunidade de estar concluindo a pós-graduação.

Agradeço aos meus pais, que sempre acreditaram na minha “vocação” de ser professora.

Agradeço em especial ao meu marido Fábio pelo apoio sincero, pelo ombro amigo, por me escutar, por agüentar meu estresse e, enfim, pelas muitas vezes que no decorrer deste processo foi pai e mãe dos meus filhos.

Agradeço aos meus filhos que compreenderam minhas ausências.

Agradeço aos coordenadores do curso, Profa. Dra. Elizabete Monteiro de Aguiar Pereira, Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite, Profa. Dra. Ângela Fátima Soligo e Profa. Dr. Maria Márcia Sigrist Malavasi, por acreditarem que era possível este programa de formação.

Agradeço a todos os Professores Doutores do curso de especialização, por acreditarem no potencial dos Assistentes Pedagógicos.

Agradeço em especial à minha professora orientadora Profa. Dra. Eliana Ayoub, pela atenção e paciência com minhas dúvidas e angústias.

Agradeço às minhas colegas de grupo, Profa. Ieda Maria Cezaroni, Profa. Marilda Rezende Cardoso, Profa. Ms. Paula Cristina da Costa Silva e Profa. Roselene dos Anjos, por todos os encontros, discussões e reflexões que realizamos juntas.

Agradeço aos meus colegas Assistentes Pedagógicos do Pólo de Americana, Cristina, Dalva, Silvia, Roseli, Conceição, Sandra, Regina, Angélica e especialmente ao Perci, Veridiana, Mirelle, Juçara e Márcia pelos encontros, apoio e incentivo no dia-a-dia das aulas.

Agradeço à Fátima, secretária do Proesf, pela organização da parte burocrática.

Agradeço, por fim, às minhas alunas, especialmente a Sueli Forti Marion Duran, às amigas construídas e por todo conhecimento que pudemos aprender e compartilhar juntas.

*“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver,  
mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje,  
as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.”*

*(Bosi, 1995, p.55)*

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	8
CAPÍTULO I – Revivendo os primeiros olhares .....	9
CAPÍTULO II – O olhar profissional se formando.....	11
2.1 – Magistério .....	11
2.2 – Trabalho docente .....	12
CAPÍTULO III – Diferentes olhares modificando o meu olhar.....	15
3.1. – Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Arte .....	16
3.2. – Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Matemática .....	18
3.3. – Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física .....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	26
ANEXOS .....	27

## APRESENTAÇÃO

O presente memorial é fruto de um trabalho de Conclusão de Curso de Especialização<sup>1</sup> da UNICAMP.

O curso foi estruturado em dois módulos. O primeiro: formação dos Assistentes Pedagógicos, desenvolvido durante o primeiro semestre de 2002, com aulas em período integral. O segundo: PROESF – Programa Especial para Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas, no qual os alunos do curso de especialização tiveram a função de Assistentes Pedagógicos.

No capítulo I, revivo e relato momentos de minha infância, centrando minhas lembranças nos primeiros anos escolares.

Em “O olhar profissional se formando”, relato minha formação inicial e o início de minha carreira no magistério.

No capítulo 3, apresento um breve registro das marcas deixadas pela fase inicial do curso de especialização.

E no último capítulo, relato a mudança provocada pelos professores da Unicamp e por toda a discussão teórica que tanto necessitava para uma ação-reflexão da minha prática docente.

Convido, então, o leitor para uma breve retrospectiva das memórias deste curso, consciente de ter colocado aqui apenas alguns relatos dos muitos aprendizados construídos durante estes seis anos.

---

<sup>1</sup> Curso de Especialização “Fundamentos Científicos e Didáticos da Formação de Professores: Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento”, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

## CAPÍTULO 1 – REVIVENDO OS PRIMEIROS OLHARES

*“Arabela abria a janela.  
Carolina erguia a cortina.  
E Maria olhava e sorria: Bom dia!  
Arabela foi sempre a mais bela.  
Carolina a mais sábia menina.  
E Maria apenas sorria: Bom Dia!”*  
(Cecília Meirelles, 2002, p.33)  
Anexo 1

Começo este memorial trazendo como foco o olhar da minha mãe. Olhar de feição e encantamento no meu nascimento... olhar de descoberta, quando eu também ia descobrindo o mundo em minha volta... olhar de paciência quando muitas e muitas vezes fez as redações no meu tempo de primário, pois eu não conseguia fazer sozinha. Meus professores nunca me notaram muito. Sempre fui a aluna “média”, não bagunçava, mas também nunca fui a melhor.

Lembro-me com saudade da minha professora da pré-escola, Tia Lurdinha, encantadora. Era jovem, chegava à escola na garupa da moto do namorado, achava lindo, pois naquele tempo poucos tinham carros ou motos. Recordo-me também da “Linda rosa juvenil” encenada no pátio e de minha ansiedade em chegar a minha vez de ser princesa. A rotina de aula, atividade de coordenação motora fina, brincadeiras no pátio, play ground, repouso sempre acompanhado da música: “*Está na hora de dormir, não espere a Lurdinha falar, um bom sono pra vocês e um alegre despertar!*” Fechava-se a cortina e ela passava fazendo carinho nos alunos. O bom humor, a afetividade, o lúdico que eu aprendi na pré-escola levei para minha vida, para a sala de aula.

Na primeira série, não consigo lembrar da minha professora, o seu nome, a sua fisionomia não residem na minha memória. Recordo-me apenas de ter decorado a cartilha.

Na segunda série, Dona Clarinda seguiu ensinando-me o difícil ato de ler e compreender o que estava lendo, além de algumas contas de matemática e a “decoreba” da tabuada.

Na terceira e quarta séries, Dona Lourdes, marcou minha vida com sua seriedade e doçura. Séria ao ensinar, mas afetuosa nas relações extra sala, não reclamava de ensinar mais uma vez, se fosse necessário. Aqui começavam as redações, sempre era em casa que tínhamos de fazê-las, mamãe tentava me ensinar, mas eu travava, não conseguia e por fim ela é quem fazia, eu só passava a limpo.

Mamãe tinha apenas a quarta série do ensino fundamental, mas era catequista, lia muito, quando jovem recitava poemas no salão de festas da igreja. Sempre gostou de ler em voz alta, lia muito bem e conseqüentemente escrevia bem.

Da quinta a oitava série, muitos foram os professores, mas poucos marcantes...

A disciplina de educação física sempre me atraiu, meu corpo repetia os exercícios que a professora Dona Maria Zappia na escola solicitava, mas eu não entendia o porquê de tanta repetição. E os jogos de vôlei então, mesmo sendo a última a ser escolhida, gostava de participar dos campeonatos escolares. Correr, subir em árvores, nadar, gostava de movimentar o corpo. Fui campeã em um concurso de lambada no seu auge, tinha gingado.

Dona Jamile, de Educação Artística, foi marcante. Sabia desenhar e pintar muito bem, como não poderia fugir à regra. Suas aulas eram resumidas em confeccionar enfeites para as festas, ensaios da quadrilha e de algumas técnicas de desenho e pintura.

Professora de História, Dona Vera... história que apenas decorei para responder nas provas.

Ciências, Geografia, Língua Portuguesa, Matemática tudo decorado, atos sem sentidos e sem significado, pautados numa educação que acreditava que o professor era o “dono” do saber e o aluno o expectador.

Final da oitava série, olhar de mãe me convencendo que o melhor caminho seria o Magistério. Dizia-me que eu tinha “jeito”, tinha paciência para lecionar, já que dava aula de catecismo na igreja para as crianças pequenas.

Do outro lado estava o meu olhar de adolescente cheio de dúvidas, de sonhos... Como decidir por uma profissão tão cedo? Seguir o meu caminho? Que caminho? Acompanhar as escolhas das amigas, levando em consideração que tínhamos passado os último seis anos juntas?

Mamãe incansavelmente repetia que eu tinha jeito de professora, vocação. Convenceu a mim e mais uma amiga, e lá fomos nós para a formação em Magistério.

Reportando-me ao trecho do poema de Cecília Meirelles com o qual abro esse capítulo, claro que sou a Maria: Maria da avó paterna, Elisa da avó materna, com o nome Marilise fui registrada. Sempre me identifiquei com essa personagem. Aprendi que quando sorrimos para a vida, ela nos sorri..., nunca fui a mais bonita estou longe de ser a mais sábia, mas sempre a mais sorridente.

## CAPÍTULO 2 – O OLHAR PROFISSIONAL SE FORMANDO...

*“Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...  
E vivo escolhendo o dia inteiro!”  
(Cecília Meirelles, 2002, p.39)  
Anexo 2*

### 2.1 Magistério

Trabalhava durante o dia em um escritório de Contabilidade e tinha aulas no período noturno. No primeiro ano, era básico para todas as turmas, tudo se repetia, eu decorava, repetia nas provas e o ano se passou.

Começaram, a partir do segundo ano, as aulas de didática e com elas a querida professora Diana, professora de educação infantil durante o dia e nossa no período noturno. Diana me fez lembrar as vivências e experiências marcantes da pré-escola. Suas aulas eram recheadas de histórias da sua prática como professora de educação infantil. Hoje, revivendo essas memórias, acredito ter sido este o início do meu encanto e de minha vocação, pois dessas aulas nascia o desejo de seguir carreira no Magistério.

O período de magistério foi 1987 a 1990. A educação ainda pautada no ensino tradicional, mas que “ensinava” como ser uma professora, desde a pasta de datas comemorativas, estágios incansáveis de observação dos “erros” das professoras que estavam sendo observadas. Algumas colocavam-me para encapar os cadernos ou corrigir provas. Estágios esses vivenciados dentro de salas de aula que começavam a perder o sentido tradicional de ensinar e passava-se por uma transição na qual os professores novos criticavam o jeito tradicional, mas ainda não sabiam, ou não tinham estudado o suficiente para deixarem de ser tradicionais, para serem “outra coisa”. Começava agora um novo tempo, em que não se podia ser tradicional, mas que poucos sabiam o que era permitido e o que era proibido. Mudanças em educação demoram muito para se efetivar, a maioria dos professores não têm o hábito de estudar, acostumaram-se às receitas prontas... Posturas que são fruto das inúmeras políticas públicas que as alimentam e reforçam, tratando os professores como meros “executores” de tarefas definidas nos gabinetes das secretarias de educação.

Foi nessa época, em 1990, que, encerrando o magistério, prestei concurso na Prefeitura Municipal de Americana. Passei e comecei a trabalhar em maio de 1992.

Terminando o magistério iniciei minha formação na Pedagogia no Instituto Salesiano Dom Bosco, onde iniciava o processo para se transformar numa Universidade (hoje UNISAL, aqui em Americana).

Foram três anos de graduação, mas que pouco, muito pouco mesmo, acrescentaram-me em termos de formação profissional em relação aos estudos do magistério.

A vida é sempre pautada em escolhas... hoje posso dizer que foram escolhas felizes, “certas”, lecionar realmente é a minha paixão.

## **2.2 Trabalho docente**

*“No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.”*  
(Carlos Drummond de Andrade, 1983  
p.186) Anexo 3

Iniciei na Prefeitura de Americana como Professora-Plantonista, meu horário e obrigações eram um pouco diferentes das demais. Cumpria horário das 10:00h às 15:00h com turmas que freqüentavam a EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) em período integral. Auxiliava no final do primeiro período, dava banho, almoço, descanso e auxiliava a professora no início do período da tarde. Nessa época, aqui na rede de Americana, começava uma nova proposta de trabalho, baseada em Piaget, mas que ainda era pouco conhecida por todos. Assim, com turmas de período integral, permaneci por mais quatro anos.

Em 1996, fiquei responsável pela minha primeira turma em período regular (12h30min as 16h30minh), iniciando aqui mais uma etapa de minha trajetória docente: lecionar “sozinha” em uma turma de nível II (cinco anos na época). Deparei-me com uma profissional que apenas tinha como aliada a boa vontade e entusiasmo, mas que não bastavam para sanar angústias e dúvidas de sala de aula. Meus pressupostos teóricos estavam baseados na pedagogia tradicional, tinha pouca experiência, mas o caminho com certeza encontraria. Caminho de pedras, mas caminho. Como diz Drummond “No meio do caminho tinha uma pedra”, eu digo que no meu caminho existiram muitas pedras... algumas carreguei sozinha, outras encontrei parceiros que me ajudaram, passei por todas e aprendi que elas também ensinam.

Terminando a faculdade, que, como já escrevi, acrescentou muito pouco à minha formação, fui buscar na UNICAMP cursos para que eu pudesse encontrar caminhos, sugestões para as milhares de dúvidas que todos os dias surgiam em minha ação profissional, ali mesmo em sala de aula com meus pequenos. Tentava entender as outras professoras e seus “sistemas” de ensino, mas não aceitava aquela maneira “tradicional” de ensinar. Desenhos mimeografados, as crianças estáticas em suas mesinhas, escutando o professor, cadernos de planejamento amarelados pelo tempo, mas ainda utilizados com atividades de coordenação motora fina, e tantas outras atividades mecânicas.

Buscando novos caminhos encontrei na UNICAMP um curso intitulado: PROEPRE: Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para Educação Infantil, que é um estudo do desenvolvimento infantil e seus aspectos: afetivo, cognitivo e social segundo a teoria de Jean Piaget direcionado para uma sistematização de ensino pautada em uma Educação Construtivista. Nascia aqui a professora leitora, que através de leituras que começavam a me fazer sentido, queria agora ler o mundo.

Depois do PROEPRE, fiz um curso sobre Moralidade Infantil com a Professora Dra. Telma Pileggi Vinha, que foi contratada pela Prefeitura de Americana para ministrar o curso aqui na nossa cidade. Através de pesquisas com nossos alunos, leitura e discussões teóricas, aprendi como trabalhar as regras, como direcionar as falas e as aulas com crianças pequenas, possibilitando uma ação-reflexão de modo a favorecer a conquista da autonomia infantil.

Minha trajetória profissional neste momento muda de direção, descobri que nesta profissão o diferencial é o estudo, a pesquisa teórica e dos meus alunos, tudo permeado pela ação/reflexão/ação que meu olhar atento e meus registros proporcionaram e ainda proporcionam.

Acredito na Educação Infantil e gosto de fazer parte dela.

Mesmo sozinha, continuei com meu sonho de pesquisadora, registrava muito, sempre participei das reuniões pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação com vontade de aprender. Participava de palestras, sempre fui uma professora motivada, mas o sonho de fazer uma pós-graduação ainda não tinha sido realizado.

Foi aí que circulou na rede municipal uma inscrição para quem gostaria de fazer a especialização. Cheia de dúvidas com relação ao processo, mas convencida que essa seria minha chance, fiz a inscrição e fui selecionada para participar do Curso de Especialização “Fundamentos Científicos e Didáticos da Formação de Professores”, da Faculdade de Educação da Unicamp.

Continuava, então, de um modo muito intenso e marcante, a transformação da Professora Marilise.

### **CAPÍTULO 3 – DIFERENTES OLHARES MODIFICANDO O MEU OLHAR**

*“O seu olhar agora/ O seu olhar nasceu  
O seu olhar me olha/ O seu olhar é seu  
O seu olhar o seu olhar melhora/ Melhora o meu”  
(Paulo Tatit e Arnaldo Antunes)<sup>2</sup> - Anexo 4*

Iniciamos o Curso de Especialização em março de 2002.

Em Língua Portuguesa, com o Prof. Dr. Sérgio Leite, quantos esclarecimentos sobre letramento.

Minha primeira transformação radical “matemática” ocorreu com a Profa. Dra. Anna Regina Lanner de Moura.

Com o Prof. Dr. Wenceslao de Oliveira Júnior, que descoberta: eu podia ensinar geografia para minhas crianças.

Em história, com a Profa. Dra. Ernesta Zamboni, o trabalho de memória reconstruindo o passado para entender melhor o presente.

Sexualidade, com a Profa. Dra. Ana Maria Faccioli de Camargo, quantos tabus ali resolvidos e possíveis de serem trabalhados dentro da sala de aula.

Último módulo: educação física, com a Profa. Dra. Eliana Ayoub, e arte, com a Profa. Dra. Márcia Strazzacappa. Descobrir que em arte precisamos ensinar às crianças o básico, serem criativos, conhecerem as quatro linguagens e serem expectadores. Em Educação Física, o que dizer? Como dizem na gíria, “tudo de bom”. Descobri que corpo/cabeça/alma são um só, e que eu como professora polivalente, posso e devo trabalhar com o corpo de meus pequenos, pois o fato de não trabalhar eu também estou “marcando” esse corpo. Trabalhar os conhecimentos de educação física dentro de uma perspectiva da cultura corporal. Participamos de uma apresentação de ginástica geral, quanta liberdade de movimento, alegria e descontração.

Começaram as aulas do PROESF, para as quais tínhamos sido preparados durante o Curso de Especialização. Foram quatro turmas cujo início foi em agosto de 2002.

Após a primeira etapa do Curso de Especialização da UNICAMP, nós, Assistentes Pedagógicos, e os Orientadores/professores da Faculdade de Educação da Unicamp, escolheríamos as disciplinas que gostaríamos de lecionar. A minha escolha foi por arte e educação física, tendo sido contemplada em ambas.

Grandes parcerias neste momento foram formadas entre Aps e os orientadores.

Esta experiência em trabalhar com alunas-professores foi enriquecedora, visto que a cada aula planejada/estudada/efetivada, o meu olhar, melhorava o olhar delas e vice-versa, numa dialética de aprendizagem mútua. O planejamento das aulas, as aulas, as reflexões com as orientadoras e grupos de Assistentes Pedagógicos, as avaliações, tudo modificando o meu olhar e conseqüentemente o meu fazer.

### **3.1. Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Arte**

“A arte existe para que possamos nos expressar. Dizemos por meio dela aquilo que não conseguimos comunicar de outras maneiras. As diversas formas artísticas existem para responder às diferentes necessidades de expressão do ser humano, Uns se manifestam pela música, pelo teatro, outros pela poesia. Há aqueles que se expressam pelas artes plásticas e outros ainda pela dança.” (Strazzacappa, 2004, p.40)

Minha primeira parceria foi com a disciplina Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Arte, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Strazzacappa. Nosso grupo era formado pelos Assistentes pedagógicos: Profa. Ângela Amaro, Profa. Heloisa Saviani, Profa. Marilda Rezende Cardoso, Profa. Marilise Deltreggia Pantarotto e Prof. Perci Moreira.

Arte Educação, essa foi a descoberta desta disciplina que até então era entendida apenas como educação artística, limitada apenas aos desenhos, na sua maioria livres ou mimeografados.

Durante o Curso de Especialização, a ênfase ficou em artes visuais com a Profa. Dra. Ana Angélica Albano e dança com a Profa. Dra. Márcia Strazzacappa, a qual também abordou conteúdos do teatro.

As aulas com a professora Ana Angélica mostraram-nos que os desenhos são desenvolvidos por fases e que cada fase tem sua particularidade, o rabisco da criança aqui passou a ter sentido e conseqüentemente a ser respeitado. Como sou professora de educação infantil, entender as fases do desenho foi muito significativo, pois entendendo o traço da criança podia e posso estimulá-la para a superação de cada fase.

O desenho estereotipado, agora compreendido, deixou as lousas da minha sala, pois acreditava que era ensinando o traçado do desenho que a criança aprendia a desenhar. Quantas casinhas ensinei...

---

<sup>2</sup> Da música “O SEU OLHAR”, DE Paulo Tatit/ Arnaldo Antunes. Interpretado por Ceumar – CD

“A inteireza, a certeza, a densidade do momento de criação estão presentes no adulto que cria e na criança que brinca. É visível a concentração, o corpo inteiro presente no ato de brincar de uma criança. É a sensação de estar inteiro no que está realizando o que une o artista à criança. A criança brinca porque não poderia viver de outra forma. Por isto desenha, por isto cria: porque brinca. Pois o caráter lúdico está sempre presente na verdadeira criação.” (Albano, 1999, p.37)

Deixar a criança brincar. Brincar com os traços, as cores, as texturas... Observar as crianças neste ato criador e registrar para podermos contribuir com os avanços do traçado individual.

Ampliando e diversificando o acervo pessoal de imagens das crianças, estaremos contribuindo para o desenvolvimento de sua criatividade e para a transformação de seu traçado.

Criatividade, desenvolver pensamentos e conseqüentemente atos criativos nas quatro linguagens da arte: artes visuais, dança, música e teatro.

As quatro linguagens da arte estão à disposição dos seres humanos para através delas poder se expressar. Antes da especialização, as aulas de arte não passavam de “desenhos livres” ou “pintura”, nunca tinha visto a arte sob este aspecto de linguagem e reconhecendo que os alunos têm o direito de acesso e o direito de expressar-se através dela.

Ensinar as crianças a se expressar através das quatro linguagens da arte e ser expectadoras da arte. No primeiro dia de aula com a professora Márcia, uma pergunta nos provocou: - Ergam o braço quem assistiu alguma apresentação de dança, teatro, música ou foi ao cinema ou ao museu no último ano? Muitos levantaram as mãos. – E nos últimos seis meses? – E nos últimos dois meses? E no último mês? E assim concluímos que, de maneira geral, discursamos que a arte é importante, mas não usufruímos dela nem como expectadores, imaginem então, utilizando-a como forma de expressão. As aulas desta disciplina deixaram claro que precisamos “ensinar” nossos alunos a serem expectadores de arte, pois culturalmente isso não é incentivado. Criar o hábito e permitir que a criança tenha contato com as quatro linguagens, seja através de vídeos ou ao vivo, é uma tarefa fundamental para o trabalho com arte na escola.

A disciplina arte na escola não tem o objetivo de formar bailarinos, músicos, atores, mas através dos conhecimentos específicos de cada linguagem podemos permitir que as crianças conheçam e se expressem através dela. Com relação à dança, por exemplo, a professora Márcia afirma que:

“[...] a dança deve ser incentivada por meio de atividades lúdicas que promovam a exploração do movimento e do ritmo. Devem ser propostas situações como jogos historiados, em que a criança é incentivada a “representar” com o corpo a história que está sendo contada e, assim, explorar diferentes ritmos, diferentes níveis, diferentes formas com o corpo.” (Strazzacappa, 2004, p.55)

Já nas aulas do PROESF, como Assistente Pedagógica desta disciplina, as experiências mais marcantes foram as apresentações de artistas locais. Cada grupo pesquisava a vida e obra de um artista local e apresentava para a sala. Muitos artistas de diversas linguagens da arte apresentaram-se ao vivo em nossas aulas. Emocionaram-nos e mostraram que viver arte é bom e faz bem, pois são pessoas que vivem a vida com mais poesia, leveza, com menos estresse e que além de fazer bem para eles, quando o produto de sua arte é compartilhado contagia a todos.

### **3.2. Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Matemática**

“A fluência é universal, o movimento é contínuo, a variação é geral, a mudança é permanente e a transformação é essencial. A própria fluência é fluente, o movimento está em movimento, a variação varia, a mudança modifica e a transformação se transforma. Os contrários – nuança e salto – compõem a fluência da fluência, geram movimento do movimento, provocam variações da variação, induzem a mudança da mudança e articulam a transformação da transformação.” (Lima e Moura, 2001, p.)

Minha segunda parceria foi com a disciplina Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Matemática, sob a orientação da Profa. Dra. Anna Regina Lanner de Moura e da Mestre Auxiliar Fabiana Fiorezi de Marco. Os Assistentes Pedagógicos foram: Heloísa Helena Saviani, Luci Mara Gotardo Gonçalves, Marilise Deltreggia Pantarotto, Marilac Luzia de Souza Leite Sousa Nogueira e Perci Moreira.

A transformação real da profissional teve início já no primeiro módulo da especialização, com a descoberta da matemática.

A professora Anna Regina, nas suas aulas, mostrou-nos uma matemática possível e real. Matemática prática, na qual a criança “re-constrói” conceitos, entende o processo histórico pelo qual a humanidade passou.

A matemática até então era uma disciplina de repetição, em que o aluno decorava a tabuada, as fórmulas e mesmo sem entender ou “re-construir” os conceitos passava-se de um ano escolar para outro.

Na educação infantil, apenas pela memorização, ensinava-se a contagem e os números, ou melhor, apenas o desenho dos números, pois o conceito de quantidade não estava ali inserido.

No livro de Georges Ifrah (ano), “Os números – História de uma grande invenção”, realmente conheci a história dos números e uma pergunta saltita em minha mente: como conhecer a história dos números somente agora? Minha geração pouco conheceu, ou melhor, conhece essa história. Pela repetição, memorizava-se o conteúdo e isso era considerada aprendizagem, não só em matemática, mas uma prática realizada frequentemente em todas as disciplinas.

Teoria e prática, na medida certa, foram as aulas conduzidas pela professora Anna Regina.

Os conceitos de “Nuança” e “Salto”, vivenciados na prática, já foram incorporados à minha prática como professora de educação infantil.

No primeiro semestre de 2004, recebi o convite para trabalhar a disciplina de matemática com duas turmas em Americana. Num primeiro momento recusei, mas com o apoio do Assistente Pedagógico Perci aceitei.

Encantar as alunas como me encantei pela matemática era um dos objetivos propostos pela minha orientadora, a professora Anna Regina.

“Atividade da Feira”(anexo 5). Segunda aula, que emocionante trabalhar com o texto “A Nuança” com as alunas-professoras. Observar a “nuança” das cores de frutas, flores, vegetais. Como é real observar a “nuança” do verde para o vermelho em uma maçã que está amadurecendo. A diferença da nuança e do salto.

“Nuança é a fluência gradativa, é a mudança no interior da mesma qualidade, é o movimento sem salto, é a variação em transformação da essência, é a mudança que não muda a determinação, é a alteração que não altera a qualidade.

Salto é a nuança que gera mudança de qualidade, transformação de essência que determina um novo movimento.”  
(Lima e Moura, 2001, p.1)

A aprendizagem não acontece por saltos e sim por nuanças. O conceito matemático é re-construído na nuança e não por saltos, por isso a importância de também conhecer a história, como a humanidade foi resolvendo os reais problemas da “contagem” e de como guardar os números.

Quando a criança entende o processo, a necessidade de guardar as quantidades, o porquê do sistema decimal, realizando na prática outros agrupamentos, entre outros fatos históricos, a matemática passa a ter sentido e, conseqüentemente, a ser compreendida.

“A aprendizagem de um conceito não ocorre através da transmissão educador/aluno; ela é sempre produto de criação – o aluno só aprende um conceito se o cria e o educador só o ensina se conseguir desencadear, com os alunos, o movimento de sua criação. Este encontro do educador com o aluno para a criação conceitual só acontecerá na formação da linguagem afetiva comum, quando educador e educando encararem a aula não como uma imposição institucional, como uma obrigação determinada pelas necessidades do estômago. Quando a aula for uma imposição do gosto, do amor, uma obrigação determinada pelas necessidades do afeto, aí teremos o ponto de encontro em que se inicia toda a aprendizagem.” (Lima, 2001, p.4)

Trabalhar a linguagem afetiva na disciplina de matemática, parecia que não soava bem aos ouvidos, visto que esta disciplina no decorrer de minha vida escolar estava longe de ser afetiva, ao contrário, sempre foi uma disciplina dolorida, maçante.

Criar laços afetivos entre a disciplina e o aluno, considerando que o conhecimento tem de fazer sentido para as crianças, foi o grande desafio desse trabalho realizado com os alunos/professores do PROESF.

### 3.3. Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física

*“Na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal... Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas”* (Coletivo de Autores, 1992, p.38)

Minha terceira parceria foi com a disciplina Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física, sob a orientação da Profa. Dra. Eliana Ayoub (Nana) e as Assistentes Pedagógicas foram: Profa. Ieda Maria Cezaroni, Profa. Marilda Rezende Cardoso, Profa. Marilise Deltreggia Pantarotto, Profa. Paula Cristina da Costa Silva e Profa. Roselene dos Anjos.

Quando iniciamos os encontros de orientação com a professora Nana, muitas eram as dúvidas... De maneira geral, durante o Curso de Especialização, o processo já tinha sido desencadeado, mas agora era a hora de aprender para compartilhar com as alunas do PROESF. A certeza era uma só: com a professora Nana, o caminho, apesar de árduo, seria cheio de afetividade.

A opção foi por começarmos a nos encantar pela disciplina. Não nos cabia discussões do tipo “quem são os donos das aulas de educação física na escola: o professor polivalente ou o professor de educação física”, mas sim, pensar possibilidades de ação que possam ser partilhadas por diferentes profissionais que estão responsáveis pela educação física na escola.

Partimos, então, para o estudo da história da educação física escolar, com base no texto de Carmem Lúcia Soares (1996), “Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade”, o que nos ajudou a compreender como a educação física foi ou vem sendo trabalhada nas escolas. O quadro do movimento do pensamento da educação física escolar e seu conteúdo de ensino no tempo foi fundamental para compreendermos o passado e aceitar as mudanças propostas para o futuro. Embora o conceito de cultura

corporal tenha sido desenvolvido no final da década de 1980, ainda hoje são poucos os professores que trabalham o conhecimento dentro desta perspectiva de trabalho.

“Não se desafia a inteligência do aluno com repetição do que ele já sabe ou com a reprodução superficial do que a mídia oferecem, ou ainda, com o pronto atendimento do desejo da criança e do jovem. O desejo também é construído socialmente... gosta-se, em princípio, do que se conhece. Rejeita-se, em princípio, o desconhecido, o difícil, o elaborado.” (Soares, 1996, p.6)

“*O desejo também é construído socialmente...*”, como nos diz Carmem Lúcia Soares. Primeiro passo concluído: a partir do desejo de uma formação pautada na cultura corporal, seguimos com o objetivo de “desconstruir” com as alunas os desejos e as marcas deixadas em seus corpos e as suas visões de educação física escolar.

Cartas sobre memórias da educação física escolar, textos sobre o corpo na atualidade e entre leituras e discussões fomos compreendendo e revivendo como esse corpo foi marcado ou formado historicamente.

Algumas aulas, muito citadas pelas alunas, relatadas em seus portfólios, foram as que discutimos sobre o poder da mídia, reforçando o culto ao corpo “sarado” e a escola muitas vezes apenas reproduzindo essa idéia. Relataram, também, as angústias por não saberem como trabalhar com os conhecimentos desta disciplina na escola.

Longe de ser um receituário de aulas, como os próprios autores escrevem em Metodologia do Ensino de Educação Física (Coletivo de Autores, 1992), este foi um livro muito importante tanto na minha formação como em sala de aula com as alunas do PROESF. Em suas páginas, podemos encontrar os conhecimentos da educação física a serem trabalhos no âmbito escolar e reflexões importantes que auxiliam o professor a agir autonomamente.

A reconstrução histórica e cultural de jogos, a possibilidade de trabalhar esportes sem o estreito sentido de regras a serem seguidas, a diversidade de danças, a ginástica geral (GG), foram efetivas descobertas de como trabalhar esses conhecimentos, mesmo sendo uma professora polivalente.

“A Ginástica Geral, diferentemente da ginástica científica e de suas descendentes mais diretas – as modalidades competitivas de ginástica -, não quer abandonar o prazer, o artístico, a ‘inteireza lúdica da gestualidade’, o riso, o divertimento, a festa; ao contrário, ela abre uma oportunidade para a reconstrução do lúdico e as suas possibilidades de ruptura com a rigidez apregoada pela ginástica científica.” (Ayoub, 2007 p.73)

Ginástica geral foi um conhecimento da educação física que conheci no Curso de Especialização. Desde o primeiro contato, mostrou que é uma “ginástica para todos”, não se preocupando com a aptidão física, sem regras rígidas e com o objetivo maior de proporcionar prazer aos participantes.

Proporcionar prazer aos participantes. Foram assim as práticas corporais nas aulas do PROESF. No início de cada semestre, sempre vinha à tona a gíria do “pagar mico”. O trabalho corporal fora dos padrões de academia sempre foi considerado pela sociedade e perpetuado na escola como “pagar de mico”. À criança é permitido mexer o corpo, cantar, dançar, mas ao adulto não, e a escola, exercendo esse papel muito bem, foi domesticando esse corpo desde os primeiros anos do ensino fundamental (salvo algumas exceções) até os dias de hoje.

No decorrer das aulas, a construção de saberes novos, o corpo se mexendo, o riso, o divertimento, a festa eram ingredientes desta mistura chamada ginástica geral.

Em seu livro “Ginástica geral e educação física escolar”, a Nana, através de suas pesquisas, permite-nos conhecer a história da ginástica desde o início do século XIX até os dias de hoje. Apresenta-nos os caminhos para o trabalho com a ginástica geral dentro do âmbito escolar.

“Na ginástica geral, o principal alvo de atenção deve ser a pessoa que a pratica, sendo as suas metas fundamentais promover a interação entre as pessoas e grupos e desenvolver o interesse pela prática da ginástica com prazer e criatividade. A ludicidade, a liberdade de expressão e a criatividade são pontos marcantes na ginástica geral.

Devido à sua amplitude e diversidade, a GG engloba atividades no campo da ginástica, dança e jogos e não tem regras rígidas preestabelecidas. Dessa forma, a ginástica geral abre um leque imenso de possibilidades para a prática de atividade corporal, uma vez que não determina limites em relação à idade, gênero, número e condição física ou técnica dos participantes, tipo de material, música ou vestuário, favorecendo a participação e proporcionando uma ampla criatividade.” (Ayoub, 2007 p.68)

Trabalhar com a GG no PROESF extrapolou expectativas. Vivenciar no corpo “adulto” toda essa liberdade de movimento com certeza “quebrou barreiras” e desconstruiu profundas práticas docentes escolares. No dia do festival, nas cartas de avaliação do final do curso, inúmeros foram os relatos. Relatos de professoras que agora trabalham os conhecimentos de educação física e não mais apenas brincam de “queimada” ou “futebol”, aquele preencher espaços, sem sentido, apenas focado no brincar pelo brincar.

“Aprender ginástica geral na escola significa, portanto, estudar, vivenciar, conhecer, compreender, perceber, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender as inúmeras interpretações da ginástica para, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica.” (Ayoub, 2007 p. 87)

Seguindo o caminho trilhado por Nana, nós professores devemos trabalhar com ginástica geral e com todos os conhecimentos da educação física, preocupada também com o que os alunos pensam a respeito de seus corpos, principalmente hoje quando a mídia acaba por pensar por eles, buscando novos significados. Precisamos nos desprender do conceito que a escola deva ser apenas reprodutora de conhecimentos e ideologias dominantes e partirmos para uma educação onde a aprendizagem passe também pela criação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

*«Os planos  
E Os sonhos  
que ardem em nós  
diamantes no fundo  
de um rio a rolar  
Cometas pelo céu  
Os sonhos são assim  
Essência luz das constelações  
a plenitude do fim”  
(Mascus Viana)<sup>3\*</sup>*

Quantos caminhos percorridos... Quantas portas abertas.

Antes mesmo da conclusão deste curso, recebi o convite para atuar na Secretaria de Educação de Americana como Professora Formadora do CEFEM (Centro de Estudos e Formação de Educadores Municipais). O meu trabalho atualmente é na formação continuada em exercício das educadoras<sup>4</sup> de educação infantil. Por tratar-se de professoras polivalentes, já ministrei oficinas de artes-visuais, ginástica geral e leitura. Atualmente tenho seis grupos de formação da oficina “Entre na Roda”, cujo tema principal é a leitura na educação infantil.

---

<sup>3</sup> Da música “Sinfonia dos Sonhos”, de Marcus Viana. Álbum: América - Nacional

<sup>4</sup> A utilização do termo no feminino deve-se ao fato de que a grande maioria dos profissionais que atuam nessa etapa da educação são mulheres.

Em 2006, fui convidada para ministrar uma oficina de “Ginástica Geral” na Semana de Educação da Secretaria de Educação de Americana, e no segundo semestre de 2007, ministrei um mini-curso com o mesmo tema na mesma instituição.

Em 2008, ministrei duas palestras com o tema “Leitura na Educação Infantil” nas Faculdades Anhanguera de Santa Bárbara D’Oeste e Sumaré, para os alunos da graduação em pedagogia.

Com a escrita deste memorial, concluo mais uma etapa da minha vida. A sensação que fica é a de que muitos conhecimentos foram construídos durante estes anos.

Gostaria de deixar aqui registrado que relatei neste memorial apenas uma parte dos conhecimentos, das reflexões, das mudanças que este curso provocou na minha vida e, conseqüentemente, na minha prática profissional.

Um olhar mais atento no material de arquivo pessoal das aulas, avaliações e registros das atividades desenvolvidas no PROESF, permitirá, certamente, a produção de outros escritos.

Por fim, todo esse percurso alimentou e continua alimentando em mim o desejo de aprender mais, sempre mais, e de continuar sonhando... Os sonhos têm de ser sonhados para poderem ser realizados...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, Ana Angélica. *O espaço do desenho. A educação do educador*. São Paulo: Loyola, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 18.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- IFRAH, Georges. *Os Números, a história de uma grande invenção*. Rio de Janeiro: Globo, 1978.
- LIMA, Luciano C. *Texto: A linguagem Afetiva*. São Paulo: CTEAC/Centro de Trabalho em Educação, Arte e Cultura, 2001.
- LIMA, Luciano C. e MOURA, Anna Regina Lanner de.. *As sensações no Ensino da Matemática – A Nuança*. Uma adaptação do trabalho de formação elaborado pelo CTEAC/Centro de Trabalho em Educação, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. In: *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.
- STRAZZACAPPA, Márcia. *Dançando na chuva... E no chão de cimento*. In: FERREIRA, Sueli (Orga.) *O ensino das Artes: construindo caminhos*. 3.ed. Campinas, Papirus, 2004. p.39-78.

## **Anexo 1**

### **AS MENINAS**

*Cecília Meirelles*

Arabela  
abria a janela.

Carolina  
erguia a cortina.

E Maria  
olhava e sorria:  
"Bom dia!"

Arabela  
foi sempre a mais bela.

Carolina,  
a mais sábia menina.

E Maria  
apenas sorria:  
"Bom dia!"

Pensaremos em cada menina  
que vivia naquela janela;  
uma que se chamava Arabela,  
uma que se chamou Carolina.

Mas a profunda saudade  
é Maria, Maria, Maria,  
que dizia com voz de amizade:  
"Bom dia!"

## Anexo 2

### OU ISTO OU AQUILO

*Cecília Meireles*

Ou se tem chuva e não se tem sol,  
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...  
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

### **Anexo 3**

#### **NO MEIO DO CAMINHO**

*Carlos Drummond de Andrade*

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

## **Anexo 4**

### **MÚSICA: O SEU OLHAR**

*Paulo Tatit/ Arnaldo Antunes*

*Intérprete: Ceumar (CD Ceumar - Sempre Viva)*

O seu olhar lá fora/ O seu olhar no céu  
O seu olhar demora/ O seu olhar no meu  
O seu olhar o seu olhar melhora/ Melhora o meu  
Onde a brasa mora/ E devora o breu  
Como a chuva molha/ O que se escondeu  
O seu olhar o seu olhar melhora/ Melhora o meu  
O seu olhar agora/ O seu olhar nasceu  
O seu olhar me olha/ O seu olhar é seu  
O seu olhar o seu olhar melhora/ Melhora o meu

## Anexo 5

### ATIVIDADE: DESCOBRINDO OS TONS NUMA FEIRA

Vamos organizar uma feira em classe. Vocês devem trazer:

- Rosas de cores variadas e flores variadas;
- Verduras em variados tons de verde (ex. rúcula, alface, couve, almeirão, escarola, agrião, espinafre, salsinha, acelga, repolho);
- Frutas de cores, cheiros e sabores variados.

Se imagine caminhando numa feira. Ouça os burburinhos das pessoas, o vai e vem de seus passos, a pressa daqueles que estão apenas passando, sem apreciar o banquete aos sentidos que uma feira pode nos oferecer. Olhe as barracas com seus cheiros, cores, sabores.

Agora, pare em frente a barraca de flores. Observe as variedades das plantas, a variedade de cores e de cheiros.

Você acha que as rosas têm cheiros diferentes?

Vamos verificar cheirando as rosas da feira da classe. Procure perceber as diferenças e depois escreva o que sentiu.

Experimente esses odores para verificar se você percebe alguma diferença nos perfumes das rosas.

Procure discutir com seus colegas.

O universo é cheiro. Vamos cheirar as flores.

- Como é possível identificar os cheiros?
- É possível: ver, tatear, saborear e ouvir com as narinas? Explique.
- É possível cheirar com os olhos? Com a pele? Com a língua? Com os ouvidos? Explique.
- Será que há contrários nos “cheiros”? Explique.
- Você conhece algum cheiro sem o seu contrário? Explique como é esse cheiro.

Vamos identificar os vários odores no interior de um mesmo cheiro:

- É possível identificar em um único cheiro diferentes odores?
- Você conseguira classifica-lo. Como foi feita esta classificação?
- Como podemos identificar odores?
- O que vem a ser odor?
- Será que existe ausência de odor? Explique.

Vamos continuar nosso passeio pela feira. Pare em frente á barraca de verduras. Você deve escolher verdurar bem verdinhas. Será possível escolher o que é mais verde? Qual tom de verde é o mais verdinho?

Quais foram os tons de verde que você encontrou na barraca de verduras?

Vamos chegar na barraca de frutas. Observe a variedade de frutas e a quantidade de cores que vibram ao sol.

Você já tinha observado que existem tantas frutas com tantas cores diferentes?

Escolha uma fruta pela cor. Mas, qual delas? As verdes, as vermelhas, as alaranjadas? E no meio das vermelhas? As vermelhas mais escuras ou as mais claras, as verdes escuras ou as claras? Vá comparando todas as espécies de frutas

que você vê: bananas, maçãs, melões, laranjas, melancias, mexericas, pêssegos, etc...

Desenhe a fruta que você escolheu para comer. Pegue a fruta, observe-a e pinte-a detalhadamente. Procure pintá-la com todas as cores que você observou.

Você encontrou mais de uma cor na sua fruta?

Quais são elas?

Qual é a mais forte?

Você conhece uma fruta que tem apenas uma cor?

Será que existe uma cor “pura”? Por quê?

Há ausência de tonalidades no universo das cores?

O que vem a ser a tonalidade?

Tudo o universo tem gosto. Vamos provar vários gostos.

Vamos preparar saladas.

Pegue as frutas e prepare para fazer uma salada de frutas.

Experimente um pedaço de cada fruta, uma de cada vez.

Pegue as verduras e as prepare para fazer uma salada verde.

Experimente um pedaço de cada fruta, uma de cada vez.

- O que identificamos na boca?
- O que usamos para identificá-los?
- É possível: ver e tatear com a língua? Explique.
- É possível sentir o gosto com os olhos? Com a pele? Explique.
- Há contrários no paladar? Explique.
- Será que no mundo dos “gostos” há algum gosto sem o seu contrário? Explique.

Vamos identificar vários sabores no interior de um mesmo gosto:

- É possível identificar em um mesmo gosto diferentes sabores?
- Há como classificá-los? Como foi feita esta classificação?
- Como identificar o sabor?
- O que é sabor?
- Será que existe um sabor “puro”? Explique.
- Será que existe ausência de sabor? Explique.

Vamos preparar as saladas, a de frutas e a verde, com todas as variedades que aparecem na nossa feira.

O que muda no sabor?

## Anexo 6

### **MÚSICA: SINFONIA DOS SONHOS**

*Marcus Viana – Álbum: América Nacional*

Os planos  
E Os sonhos  
que ardem em nós  
diamantes no fundo  
de um rio a rolar  
Cometas pelo céu  
Os sonhos são assim  
Essência luz das constelações  
a plenitude do fim

Segue  
a nave vida  
pelo azul  
e os nossos desejos  
vão além

Teu corpo  
Alegre  
Colado ao meu  
A vida  
Pulsando  
Na luz dessa manhã  
Um novo mundo vem  
Nos estaremos lá  
Nas praias de um futuro bom  
Grãos de Areia a brilhar ...

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação  
Coordenação de Pós-Graduação  
Av. Bertrand Russel, 801 – Cidade Universitária  
13083-970 Campinas - SP